



CONTEÚDO EXCLUSIVO EM
www.revistapatio.com.br

ANO XVII Agosto/Outubro 2013
ISSN 2179-0248 R\$ 37,00

grupo **a**

NÚMERO

67

Pátio

ENSINO FUNDAMENTAL

ARTIGOS

Beatriz Cardoso
Maria Malta Campos
Michael W. Apple
Sérgio Haddad

ENTREVISTA
José Pacheco

PSICOLOGIA
Namoro na escola

PANORAMA
Educação a distância



A educação pode salvar o Brasil?

A EDUCAÇÃO PODE SALVAR O BRASIL?

● BEATRIZ CARDOSO

As circunstâncias estão fazendo com que a educação deixe de ser algo do plano do discurso, uma vez que está afetando diretamente o desempenho do país. Isso fortalece a sociedade civil para tal compromisso

S abemos que a educação pode promover o desenvolvimento pessoal e a inserção social, especialmente em um país com tanta desigualdade como o Brasil. Se a escola for efetivamente um lugar onde se aprende, um espaço para a criação de vínculo com o conhecimento, estaremos entregando ao indivíduo as ferramentas para que venha a ter autonomia e liberdade de escolha para participar da sociedade e do mundo do trabalho. Se o aluno da escola pública tiver acesso ao conhecimento e à informação como elementos transformadores, terá suas possibilidades ampliadas e, por conseguinte, estaremos criando condições para uma sociedade mais competente e justa.

Na conjuntura atual, a educação tem sido vista eminentemente pela lente da economia. Esta é, de fato, uma dimensão relevante, mas não deveria ser a única a mobilizar o sistema a enfrentar suas fragilidades. Uma boa escolaridade, para além de ser um caminho para o mercado de trabalho, significa também oportunidade e formação de cidadãos mais preparados. Assegurar a cada um o direito de aprender significa ampliar as possibilidades de intervir na sua própria vida, além de criar um campo favorável ao desenvolvimento de suas capacidades cognitivas.

A urgência que está posta na conjuntura atual, motivada em grande medida pelo “apagão” de mão de obra, carrega o risco de legitimar uma atuação fragmentada em busca de respostas ágeis. Precisamos encontrar respostas rápidas, mas que sejam duradouras e que estanquem a produção do problema em sua origem. Não podemos perder de vista que o processo educacional é lento; a implementação de mudanças estruturais leva tempo e demora a apresentar resultados imediatos. Para que a educação realmente cumpra um papel transformador, que dê vazão ao potencial do país, é preciso visão de médio e longo prazo. Historicamente, vivemos o eterno dilema entre investir em um projeto que demora a madurar e a pressa que temos. Como fazer? Onde apostar?

O projeto a ser perseguido deve ser o de impactar solidamente uma geração, o que é diferente de fomentar aleatoriamente muitas e diferentes ações diretas. Chegamos finalmente a um momento em que a situação da educação passou a ser percebida como um problema real para muitos setores. A educação não pode ser problema só de educadores. As circunstâncias estão fazendo com que deixe de ser algo do plano do discurso, uma vez que está afetando diretamente o desempenho



do país. Isso tem um aspecto positivo, pois fortalece a sociedade civil para tal compromisso.

Tanto o poder público quanto empresas e organizações do terceiro setor têm voltado seus investimentos para a melhoria da educação. No entanto, há riscos nesse processo: temos assistido a uma crescente presença de iniciativas que vêm revestidas da aura de projeto educacional quando, muitas vezes, atendem interesses específicos com abrangência parcial. Com certeza, cumprem um papel imediato, atendem a determinados indivíduos, porém são atuações paliativas, que não enfrentam as causas e dificilmente impactarão em um plano geral. Precisamos desse tipo de colaboração e iniciativa isolada, mas não podemos apostar que esse é o caminho. Se estivessem estruturadas em torno de um norte comum, essas iniciativas poderiam colaborar com um caminho mais promissor, sendo agentes de inovação.

Tendo em vista o potencial de mercado do setor, muitas iniciativas comerciais vêm surgindo

e crescendo. Esse é outro movimento positivo e, por outras vias, pode vir a colaborar, ampliando os acessos. Contudo, caso não sejam criadas instâncias reguladoras que possam desempenhar no cenário uma perspectiva concreta e crítica,

obrigando as iniciativas comerciais a se qualificarem, fica o risco do lucro se superpor à qualidade. A palavra “educação” carrega tantos significados, que acaba sendo palco para as iniciativas mais diversas. Em breve, teremos mais dados sobre a corrida de investimentos no setor, especialmente em tecnologia, e será possível delinear um quadro mais claro dos esforços que vêm sendo realizados. Estarão efetivamente alinhados com a criação de novos contextos educacionais produtivos, que colaborem consistentemente com a elevação do nível educacional conforme se espera?

Para tornar mais frutífera a mobilização e o investimento de diferentes setores, seria interessante que houvesse algum consenso em relação à mudança que precisamos fomentar. Se houver uma

***O projeto a ser
perseguido deve
ser o de impactar
solidamente
uma geração***

política clara, o que está ao alcance da iniciativa privada e do terceiro setor será um apoio muito mais significativo. Uma plataforma comum deve considerar diferentes pontos de vista. A perspectiva de profissionais da educação deve ter um peso e somar com a voz de outros especialistas na busca de soluções práticas. Por exemplo, a perspectiva educacional deve ser uma variável tão importante quanto a econômica. Parece banal, mas na prática não tem sido: a aprendizagem dos alunos teria de ser a fonte de sentido das políticas educacionais e das ações de todos os profissionais envolvidos no sistema de ensino.

A preocupação que deve reger qualquer iniciativa em educação implica criar condições para que cada criança, cada jovem, cada pessoa continue aprendendo ao longo da vida. Para que isso aconteça, é preciso oferecer condições para que o professor também continue desenvolvendo-se profissionalmente.

São processos diferentes, porém concomitantes. É preciso dar lugar e visibilidade a todos eles. Logo, é preciso investir no desenvolvimento de conhecimentos pedagógicos de ponta para enfrentar tamanho desafio.

É preciso pensar a educação a partir do lugar onde ela de fato acontece: a escola. O desafio central é desenvolver a capacidade para gerar situações de aprendizagem produtivas para os alunos. Aprendizagem, obviamente, ocorre em torno de conteúdos, mas não se limita a eles. O grande desafio na sociedade da informação e da tecnologia em que estamos inseridos é entregar as ferramentas intelectuais necessárias para que todos possam circular livremente pelo universo do conhecimento disponível, bem como o desenvolvimento de valores.

Informação e conhecimento não significam o mesmo. A informação só é útil se ganha algum sentido e, para isso, precisa de critério e processamento. A aquisição dessa capacidade depende de uma escolaridade de qualidade, que ofereça condições para que cada aluno se desenvolva intelectual e socialmente. Esse processo é diferente de dominar conjuntos específicos de informações, o que também necessário. No entanto, para que tudo isso tenha lugar, não podemos esquecer que é o desenvolvimento do conhecimento pedagógico que impulsionará a transformação

da educação, o que, por sua vez, depende de investimento na formação de professores.

A sociedade do conhecimento e a demanda econômica exigem que a preparação dos professores passe por mudanças, mas esta é uma empreitada que vale a pena. Por mais que se questione hoje a escola, não podemos perder de vista que ela é um espaço privilegiado para o aprimoramento da sociedade. Uma boa escola tem enorme capacidade de agregar valor a cada indivíduo e ao seu conjunto. Cada rede de ensino configura um sistema complexo, composto por diferentes agentes com diferentes papéis profissionais; contudo, nessa equação, o professor é peça-chave.

Esse deve ser o ponto de partida e de chegada de qualquer proposta concreta de atuação nos sistemas públicos de ensino: fortalecer o setor da educação pública significa criar programas que fortaleçam os sistemas públicos para que possam executar cada vez

melhor sua política para todos.

A educação é um campo complexo, muitas vezes simplificado. Promover transformações na esfera pública, considerando todas as variáveis que incidem nesse contexto, também é extremamente complexo e deve ser visto em uma perspectiva de aprimoramento conforme uma visão sistêmica.

Um caminho promissor é fomentar a pesquisa aplicada e a geração de ferramentas que contribuam com a melhoria da qualidade

das aprendizagens dos alunos, bem como desenvolver *know-how* prático que possa ser disponibilizado em larga escala e tenha o potencial de colaborar com essa pequena revolução que precisa ser feita.

A complexidade do mundo contemporâneo exige respostas concretas a problemas cada vez mais sofisticados e amplos. Sem dúvida, é presente a necessidade de atuação e de foco; no entanto, haverá sempre o risco da exigência por resultados suplantarem o espaço da reflexão conceitual, de onde as soluções devem nascer.

● Beatriz Cardoso é doutora em Educação, diretora executiva do Laboratório de Educação e *fellow* no Advanced Leadership Initiative Harvard 2013.

beatriz@labedu.org.br

***É preciso pensar
a educação a partir
do lugar onde ela
de fato acontece:
a escola***